

O Jó bíblico e Viktor E. Frankl: caminhos e atalhos na busca do sentido da vida

Paulo Sérgio Einsfeld

Resumo

O ensaio traça paralelos entre a logoterapia e o livro bíblico de Jó, numa tentativa de releitura psicoteológica da Bíblia. Focos de atenção são as tragédias dos personagens Viktor Frankl durante a 2ª Guerra Mundial e Jó. Para Frankl, o sentido da vida se realiza basicamente no ca-

minho do exercício dos valores criadores, dos valores vivenciais e dos valores de atitude. Cada um destes “caminhos” pode facilmente enveredar por “atalhos” não saudáveis do ponto de vista da psicologia existencial e da teologia contextualizada.

Resumen

El ensayo traza paralelos entre la logoterapia y el libro bíblico de Job, en una tentativa de relectura psico-teológica de la Biblia. Focos de atención son las tragedias de los personajes Viktor Frankl durante la Segunda Guerra Mundial y Job. Para Frankl el sentido de la vida se realiza básicamente en el camino del

ejercicio de los valores creadores, de los valores vivenciales y de los valores de actitud. Cada uno de estos “caminos” puede fácilmente encaminarse por “atajos” no saludables del punto de vista de la psicología existencial y de la teología contextualizada.

Abstract

This essay traces parallels between Logotherapy and the biblical book of Job in an attempt at a psycho-theological rereading of the Bible. The focal points are the tragedies of the people involved, Viktor Frankl during the Second World War, and Job. For Frankl the

meaning of life is fulfilled basically on the road of exercising the creative values, the life values and the attitudinal values. From the point of view of existential psychology and contextual theology each of these “roads” can easily lead to unhealthy “shortcuts.”

1 – Introdução

Neste ensaio pretendemos traçar uma ponte de diálogo entre duas ciências: a Psicologia e a Teologia. Mais precisamente, tentamos traçar paralelos entre a vertente existencial da Psicologia denominada Logoterapia e a Teologia Bíblica do livro de Jó. Antes de tentar, pretensiosamente, aproximar duas ciências, trata-se de integrar em nossa vivência pessoal, comunitária e ministerial duas dimensões inseparáveis: a dimensão da psiquê humana e o enfoque bíblico-teológico¹. Em busca de sanidade integral para o indivíduo e para o povo, não há como separar fé de relacionamentos sadios; espiritualidade, de autoconhecimento; adoração comunitária, de comunidade terapêutica de auto-ajuda.

Num primeiro momento, propomo-nos a caracterizar, de forma introdutória, a vida e obra de Viktor Emil Frankl, autor da Logoterapia. Enfatizamos seu enfoque nos valores que propiciam ou acrescentam um sentido à vida humana, quais sejam: os valores criadores, os valores vivenciais e os valores de atitude.

A seguir descobrimos uma inter-relação entre as privações do perso-

nagem Jó e aquelas pelas quais Viktor Frankl passou nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Aplicando a tipologia de Frankl para dentro da narrativa bíblica, extraímos interessantes impulsos para a compreensão do sentido da vida, em meio ao sofrimento humano.

O caminho da realização de sentido pode, no entanto, facilmente enveredar por atalhos. Cada categoria de valores, desviada da rota original, leva a “atalhos” não saudáveis do ponto de vista da Logoterapia, bem como de uma teologia contextualizada. Verificamos tais “atalhos” como o ativismo no trabalho, a busca desenfreada do prazer e uma fé resignada e acomodada.

Com esta abordagem visamos dar nossa modesta e principiante contribuição a todos os que se ocupam e preocupam (e pré-ocupam) em fomentar ministérios e comunidades terapêuticas, alicerçados no modelo de sanidade integral a partir de, em e por Jesus Cristo.

¹ Para alcançar nosso objetivo, ensaiamos uma hermenêutica bíblica que leva em conta os aspectos psicossociais do texto, bem como os do leitor moderno. Poderíamos chamar esse método de “leitura psicoteológica da Bíblia”.

2 – Introdução à Logoterapia

2.1 – Vida e obra de Viktor E. Frankl

Viktor Emil Frank é o autor da Logoterapia, a terceira escola de psicoterapia de Viena, depois da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler. A denominação provém de *logos*, termo grego definido por “palavra (não vocábulo, mas linguagem que encerra idéia); ensino; preceito; coisa; motivo; razão”². Frankl cunhou a tradução “sentido”³. A *Psicologia do sentido da vida*, como é chamada num título de uma obra, é muito rica em elementos que fomentam o diálogo com a Teologia.

Viktor Emil Frankl nasceu no dia 26 de março de 1905 na então famosa cidade de Viena. Filho de pais judeus, recebeu sólida formação cultural e religiosa. De 1942 a 45, durante a Segunda Guerra Mundial, Frankl foi forçado a interromper sua brilhante carreira de médico e psiquiatra, sendo jogado num campo de concentração nazista. Levou consigo um manuscrito contendo a obra

de sua vida, que imediatamente lhe foi tirado. Não podemos imaginar a obra de Frankl sem a experiência do campo de concentração. A vivência da “existência nua e crua”, nessa situação limítrofe da vida, lhe é particularmente importante para a compreensão do sentido do sofrimento⁴.

O autor argentino Mário Caponetto, citado por Izar Xausa, dividiu a vida de Frankl em quatro momentos⁵:

1. Momento interrogativo. É a primeira fase de sua vida, em que busca uma verdade científica condizente com sua visão do ser humano.

2. Momento pático. É a fase de reflexão sobre a “existência desnuda” como prisioneiro nos campos de concentração, caracterizada pelo agudo sofrimento seu e dos companheiros de prisão.

3. Momento científico. Corresponde ao período logo após o campo de concentração, quando, em dezembro de 1945, publica “Um psicólogo no campo de concentração”. É a fase em que Frankl escreve bastante e viaja muito.

² W. C. TAYLOR, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, p. 128.

³ Viktor E. FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 116.

⁴ Id., *ibid.*, p. 27-28. Escrita no espaço de nove dias em 1945, esta obra autobiográfica é uma boa porta de entrada para se ler e compreender a Logoterapia.

⁵ Izar Aparecida de M. XAUSA, *A Psicologia do sentido da vida*, p. 40-42.

4. Momento sapiencial. Frankl começa a falar no “inconsciente espiritual” em sua obra *A presença ignorada de Deus*.

Após perder sua primeira esposa, Viktor Frankl casou-se novamente. Em 1984 esteve no Brasil, no primeiro encontro latino-americano de Logoterapia, em que foi fundada a Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL). Frankl veio a falecer a 02.09.1997, aos 92 anos de idade, em Viena, sua cidade natal⁶.

2.2 – Três categorias de valores

No contexto da ajuda a suicidas em potencial, Frankl propõe que se ponha tais pessoas diante de uma missão. A missão tem um caráter específico, pessoal. Cada pessoa tem que realizá-la. O autor entende sob missão a meta, a finalidade, o que dá conteúdo à vida. Saber-se incumbido de uma missão tem grande valor psicoterápico, como ele afirma:

Estamos em dizer [sic] que não há nada de mais apropriado para que um homem vença ou suporte dificuldades objetivas ou transtornos subjetivos, do que a consciência de ter na vida uma

missão a cumprir. (...) Tal missão torna seu titular insubstituível e confere-lhe à vida o valor de algo único.⁷

Significativa se torna, nesse contexto, a frase de Nietzsche: “Quando se tem na vida algum ‘porquê’, qualquer ‘como’ se pode suportar.”⁸ Frankl trata de especificar o “porquê”, que passa para o primeiro plano. O “como”, com todas as circunstâncias penosas que o acompanham, é, desta forma, relativizado, estando em função do “porquê”.

Aqui entram em jogo elementos da antropologia de Frankl. O ser humano é um “ser-responsável” pela missão que tem a cumprir. Não pode querer esquivar-se. Ele cumpre sua missão realizando valores. Daí que o “ser-responsável” é sempre um ser responsável pela realização de valores⁹.

Frankl insiste que a missão ou o sentido da vida não existe em termos gerais. Não é válido para todas as pessoas da mesma forma. Deve-se falar, não em sentido **da** vida, mas no sentido da **minha** vida. Tal sentido precisa ser encontrado de forma específica por cada pessoa. Nesta tarefa, a pessoa não pode ser substituída¹⁰.

⁶ Folha de S. Paulo, 04.09.1997.

⁷ Viktor E. FRANKL, *Psicoterapia e sentido da vida*, p. 90.

⁸ NIETZSCHE, ap. id., *ibid.*

⁹ *Ibid.*, p. 95.

¹⁰ Cf. Viktor E. FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 125.

Traçadas essas notas iniciais, estamos em condições de abordar as categorias de valores anunciados no subtítulo. O ser humano confere sentido à sua vida realizando três tipos de valores: os valores criadores, os valores vivenciais e os valores de atitude¹¹.

• **Valores criadores.** Eles são realizados quando a pessoa *cria* algo. Isso inclui todo tipo de criações intelectuais e artísticas. Refere-se a todo e qualquer tipo de trabalho e realização profissional. Em suma, é o sentido do trabalho exercido livremente.

• **Valores vivenciais.** Dito de forma resumida, significa experimentar algo ou encontrar alguém¹². A logoterapeuta brasileira Izar Xausa os descreve como os valores que se manifestam na riqueza da contemplação da natureza, no apreço às manifestações da arte e da cultura em geral, nas experiências místicas e na vivência do amor humano.

• **Valores de atitude.** É o sentido da vida realizado pela atitude correta diante do sofrimento inevitável. Estes valores se revelam no modo como uma pessoa se insere numa limitação de sua vida. A realização dos

valores de atitude pressupõe a capacidade de sofrer. Tais valores podem ser realizados mesmo quando a realização dos anteriores é impossibilitada. O ser humano é, pois, exteriormente dependente na realização de valores criadores e vivenciais, mas é livre na realização de valores de atitude. É uma liberdade sem condições ou condicionamentos. Frankl chega à conclusão de que nada pode impedir uma pessoa de realizar estes valores¹³.

Frankl fala de experiência própria. No campo de concentração fora tolhido de realizar valores criadores. Não podia mais exercer sua profissão. Da mesma forma, os valores vivenciais foram muito limitados. A liberdade interior para assumir uma atitude alternativa diante das terríveis condições, contudo, nenhum carrasco pôde arrancar. Desta forma, Frankl explica o fato de que, sob os mesmos condicionamentos de ordem biológica, psicológica ou sociológica, no campo de concentração, certas pessoas se tornavam apáticas e apelavam ao suicídio, enquanto outras iam de barracão em barracão prestando ajuda e dando conselhos¹⁴.

Tudo depende, pois, da atitude que se toma diante de uma desgraça

¹¹ Cf. id., *Psicoterapia e sentido da vida*, p. 81-2; id., *Fundamentos antropológicos da Psicoterapia*, p. 235-6. Isar XAUSA, op. cit., p. 162.

¹² Viktor E. FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 27.

¹³ Id., *Fundamentos antropológicos da Psicoterapia*, p. 241.

¹⁴ Id., *Em busca de sentido*, p. 27.

inevitável. Frankl é testemunha de que nas condições adversas de um campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de tomar uma atitude alternativa frente às condições dadas.

Frankl descobriu que a liberdade interior ou espiritual permite ao ser humano configurar a sua vida de modo que tenha sentido. O sentido da vida não depende exclusivamente da realização pessoal num trabalho criativo nem de belas experiências artísticas ou culturais. Depende, como já vimos, precisamente da atitude com a qual a pessoa se coloca diante da situação de sofrimento¹⁵.

Ouçamos mais uma vez o autor da Logoterapia:

Da maneira com que uma pessoa assume o seu destino inevitável, assumindo com esse destino inevitável todo o sofrimento que se lhe impõe, nisso se revela mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência.¹⁶

Frankl fala da realização dos valores de atitude diante do que denomina de “tríade trágica”: a dor, a cul-

pa e a morte. Diante delas é possível uma atitude otimista, o “otimismo trágico”. Tal otimismo resulta de atitudes que: a) transformem o sofrimento numa conquista e numa realização humana; b) extraiam da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; c) façam da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis¹⁷.

A compreensão dos valores é central no desenvolvimento da ciência logoterápica. Tanto que Elisabeth Lukas, uma das maiores discípulas de Frankl na atualidade, se refere aos valores vivenciais, criadores e de atitude, respectivamente, quando menciona que os três objetivos da logoterapia são:

Fazer com que o paciente recupere sua capacidade de amar, sua capacidade de trabalhar e sua capacidade de sofrer. Concluímos daí que, para a psico-higiene, estas três capacidades precisam ser desenvolvidas e conservadas no homem para que ele esteja em condições de enfrentar as exigências da vida.¹⁸

A seguir tentaremos relacionar as categorias de valores aqui expostas com o paradigma bíblico do livro de Jó.

¹⁵ Ibid., p. 84.

¹⁶ Ibid., p. 86.

¹⁷ Ibid., p. 150.

¹⁸ Elisabeth LUKAS, *Prevenção psicológica*, p. 143.

3 – Os valores no drama de Jó (1.1-2.10)

Da moderna teoria psicoterápica da Logoterapia retrocedemos (ou avançamos?) à lendária situação de um homem sofredor contada pelas pessoas “pré-científicas” após o ano 500 a.C.¹⁹. O livro de Jó tem sido alvo de análises das mais variadas. Conselheiros, psicólogos, pastores e teólogos, entre outros, têm se ocupado com esta fascinante história, que mostra a face aguda do sofrimento humano e a tentativa de superá-lo²⁰.

O problema literário do livro não pode ser ignorado. Na parte narrativa do início, a que interessa neste estudo, Jó é apresentado como um homem piedoso, humilde e totalmente submisso à vontade de Deus. Já

na parte poética, aparece o Jó rebelde que nega submeter-se ao Deus que lhe provocou a desgraça. Concordamos com os autores que, mesmo não ignorando essa dificuldade na brusca mudança de estilo, conseguem ver a obra como uma unidade, em que ambas as reações de Jó fazem parte inseparável do objetivo teológico do autor²¹.

3.1 – Privação dos valores criadores (Jó 1.6-22)

Na primeira aposta entre Deus e Satanás, conforme o quadro abaixo, este insinua que o sentido da vida de Jó estaria em sua vasta riqueza ma-

¹⁹ A datação do livro de Jó é muito discutida. Os comentaristas pesquisados concordam com uma datação ampla entre 500 e 350 a.C., após o exílio babilônico. O livro é uma resposta ao sofrimento injusto que sobreveio a Israel neste período, afirmando a inocência do povo de Deus. Cf. L. Alonso SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Job*, Madrid : Cristiandad, 1983, p. 68-75, e Roderick MacKENZIE, *Fundo cultural e religioso do Livro de Jó*, Concilium, Petrópolis : Vozes, n. 189, 1983.

²⁰ Exemplos de análise por teólogos da Teologia da Libertação são textos de Gustavo Gutiérrez, Jorge Pixley, J. Severino Croatto, Elsa Tamez e Luiz J. Dietrich. A capelã hospitalar Eleny VASSÃO, do Hospital de Clínicas de São Paulo, inspira-se em Jó em *Consolo*, São Paulo : Cultura Cristã, 1996. O pastor Ricardo BARBOSA DE SOUSA, *O caminho do coração*, Curitiba : Encontrão, 1996, apresenta Jó como “paradigma da espiritualidade cristã” (p. 23-41). O escritor cristão norte-americano Philip YANCEY analisa o livro de Jó em *Decepção com Deus*, 3. ed., São Paulo : Mundo Cristão, 1994.

²¹ Cf. Claus WESTERMANN, A dupla face de Jó, *Concilium*, n. 189, p. 30, 1983. Assim também Gustavo GUTIÉRREZ, *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*, p. 150-6, quando fala da pertinência da linguagem contemplativa (na narração) e da linguagem profética (no poema). Concordamos com J. Severino CROATTO, *El libro de Job como clave hermeneutica de la teología*, *Revista Bíblica*, Buenos Aires, n. 43, p. 40, 1981, que interpreta o livro a partir da totalidade da obra e não da divisão literária em partes.

terial: 7 mil ovelhas, 3 mil camelos, 1 mil e 500 juntas de bois (1.3). “O homem mais rico de todo o Oriente” (1.4) é colocado a dura prova.

Satanás desconfia de que haja segundas intenções por detrás de toda a fidelidade de Jó. A doutrina da retribuição, tema de todo o livro, já aparece aqui. Deseja-se recompensa para os bons e pede-se castigo para os maus. Essa regra é quebrada desde o começo do drama. O tentador, no entanto, induz que Jó permanece numa fidelidade cômoda por causa da proteção e da bênção de Deus. Certamente tal bênção e proteção poderiam lhe render mais algumas milhares de cabeças de gado...

Na aposta mítica, Deus permite a intervenção do Opositor. Não somente os bens de Jó lhe são tirados, mas até seus filhos são exterminados. Uma única condição é exigida: a integridade física de Jó deve ser preservada.

Duas reações à tragédia se esboçam. Por meio de ritos de lamentação, Jó arma sua defesa diante do sofrimento. Ele rasga sua roupa, rapa a cabeça e prostra-se ao chão (1.20)²².

Sua clássica confissão no v. 21: “Nu saí do ventre de minha mãe e

nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou. Bendito seja o nome do Senhor”, nos é paradigmática. Jó verbaliza que o sentido da sua vida vai além da riqueza e do trabalho (valores criadores) e ultrapassa até a comunhão de sua família (valores vivenciais). Jó toma uma atitude interior singular, contrária ao que normalmente se poderia esperar. Reconhece a Deus como Senhor soberano sobre a vida e os bens. Reconhece também a situação de nudez humana ao nascer e ao morrer. No intervalo entre a alvorada e o ocaso da vida, bens e riquezas, familiares e amigos são acrescentados como aconchegante roupagem à fria nudez humana. Mas nada mais e nada menos que isso!

No quadro abaixo visualizamos o drama inicial de Jó com as intervenções de Deus e de Satanás, bem como as reações de Jó à calamidade. Utilizamos a versão da Bíblia na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil. Exceção é feita para a conhecida confissão em 1.21: “Nu saí do ventre de minha mãe...”, que transcrevemos na edição Revista e Atualizada de Almeida.

²² Erhard GERSTENBERGER, Wolfgang SCHRAGE, *Por que sofrer?*, São Leopoldo : Sinodal, 1987, p. 89-9, menciona a proteção ao sofrimento por meio de rituais.

	1ª Provação: Jó 1.6-22	2ª Provação: Jó 2.1-10
DEUS:	“Você notou o meu servo Jó? No mundo inteiro não há ninguém tão bom e honesto como ele. Ele me teme e procura não fazer nada que seja errado.” 1.8	“Você viu o meu servo Jó? No mundo inteiro não há ninguém tão bom e tão honesto como ele. Ele me teme e procura não fazer nada que seja errado. No entanto, você me convenceu e eu o deixei desgraçar Jó, embora não houvesse motivo para isso. Mesmo assim ele continua firme e sincero como sempre.” 2.3
SATANÁS:	“Será que não é por interesse próprio que Jó te teme? Tu não deixas que nenhum mal aconteça a ele, à sua família e a tudo o que Jó faz e no país inteiro ele é o homem que tem mais cabeças de gado. Mas, se tirares tudo o que é dele, verás que ele te amaldiçoará sem nenhum respeito.” 1.9-11 ²³	“É só tocar na pele dele para ver o que acontece. As pessoas não se importam de perder tudo desde que conservem a própria vida. Agora, se estenderes a mão e ferires o corpo dele, verás como ele, sem nenhum respeito, te amaldiçoará.” 2.4-5 ²⁴
DEUS:	“Pois bem. Faça o que quiser com tudo o que Jó tem, mas não faça nenhum mal a ele mesmo.” 1.12	“Pois bem. Faça o que quiser com Jó, mas não o mate.” 2.6
CALAMIDADE:	Morte dos empregados, perda das ovelhas e dos camelos, morte dos sete filhos e das três filhas, destruição da casa. 1.13-19	Feridas horríveis (lepra?). 2.7
REAÇÕES:	<i>Ritos de lamentação:</i> Rasgou a roupa, rapou a cabeça, ajoelhou-se, prostrou-se, adorou. 1.20 <i>Confissão verbal:</i> “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou. Bendito seja o nome do Senhor.” 1.21 ²⁵	De Jó: Sentou-se num monte de cinza e pegou um caco para se coçar. 1.8 Da mulher: “Você ainda continua sendo bom? Amaldiçoe a Deus e morra!” 2.9 De Jó: “Você está dizendo uma bobagem! Se recebermos de Deus as coisas boas, por que não vamos aceitar também as desgraças?” 2.10a ²⁶
CONCLUSÃO:	“Assim, apesar de tudo o que havia acontecido, Jó não pecou, nem pôs a culpa em Deus.” 1.22	“Assim, apesar de tudo, Jó não pecou, nem disse uma só palavra contra Deus.” 2.10b

²³ Satanás desconfia que o sentido da vida de Jó estaria unicamente em seus bens materiais ou, na tipologia de Frankl, nos *valores criadores*.

²⁴ Desta feita, para o Tentador o sentido da vida de Jó estaria em sua saúde psicofísica ou nos *valores vivenciais*.

²⁵ Como vimos anteriormente, aqui Jó toma uma atitude interior digna e singular diante do sofrimento (*valores de atitude*). O protesto externalizado nos ritos é o primeiro passo para a aceitação do sofrimento, verbalizada na confissão “Nu saí...”. Eis dois aspectos inseparáveis do processo terapêutico da pessoa sofredora: o protesto, o lamento e a aceitação digna de sua situação.

²⁶ Novamente as reações de Jó representam *valores de atitude*. A seguir veremos uma análise da 2ª Provação.

3.2 – Privação dos valores vivenciais (Jó 2.1-10)

Como fora vitorioso no primeiro *round*, Satanás propõe novo desafio. Pede permissão a Deus para ferir o corpo de Jó, com o argumento de que “as pessoas não se importam de perder tudo desde que conservem a sua própria vida” (2.4). A única condição exigida nessa luta cruel é que a vida de Jó seja mantida.

Uma vez atingido por grave doença, Jó “sentou-se num monte de cinza” (2.8). Aqui não se trata de um rito de lamentação. Provavelmente sua doença era a lepra, e, conforme a lei, deveria ser excluído da comunidade dos seus, morando fora dos limites habitados²⁷. O monte de cinzas parece referir-se a um lugar fora da cidade destinado a objetos considerados imundos, semelhante aos nossos lixões urbanos²⁸.

Sua mulher intervém e pede ao marido para abandonar sua obstinada fidelidade a Deus: “Amaldiçoe a Deus e morra!” Jó reage: “Você está dizendo uma bobagem! Se recebemos de Deus as coisas boas, por que não vamos aceitar também as desgraças?” (2.10). As reações de Jó e de sua esposa à desgraça representaram duas atitudes opostas. Jó, em-

bora marginalizado e desprezado, ergue sua voz contra a companheira em protesto à sua sugestão de acabar com sua vida e o sofrimento de uma vez por todas. Desta forma, ela sugere a fuga pelo suicídio como forma de superar a calamidade. Nosso protagonista, no entanto, segue o caminho da aceitação digna, da rendição, da entrega, que não representa morte, mas disposição de viver e de lutar.

A conclusão do autor do livro é de que, apesar de tudo o que aconteceu, Jó não pecou contra Deus. Afirma sua inocência e integridade. Elogia sua perseverança e firmeza. Jó é protagonista de que também o inocente e o pobre sofrem no mundo, sem haver explicações plausíveis para tal²⁹.

3.3 – Jó e Frankl: valores de atitude nas privações

O drama de Jó pode ser comparado às condições de vida no campo de concentração experimentadas por Viktor Frankl. Este não podia mais exercer livremente sua profissão. Restavam os trabalhos forçados, como cavar com uma picareta no gelo para construir uma ferrovia³⁰. Muitíssimo distante estava a riqueza

²⁷ Cf. Levítico 13.45-46.

²⁸ Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 33, usa a expressão “amontoado de lixo”.

²⁹ Esta é tese central do livro de Gustavo GUTIÉRREZ, já expressa no título: “*Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*”.

³⁰ Viktor FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 37-46.

de sentido em exercer uma carreira de psiquiatra em ascensão. Famintos e doentes, os prisioneiros lutavam contra a fome e a doença a seu modo. Alguns usando o artifício de cantar, outros de contar piadas. Assim era a arte no campo de concentração: pobre, irônica, fatídica (valores vivenciais)³¹. Muito semelhantes são essas duas situações. Ironicamente diferente do Jó bíblico é que Frankl perde sua esposa já no começo do drama...

Frankl tomou atitudes que significavam nadar contra a correnteza das reações e sentimentos que a grande maioria dos prisioneiros tinham. Somente um exemplo. Fez um pacto consigo mesmo de não enveredar

pelo caminho do suicídio, quando muitos optavam em “ir para o fio”, designação para o método usual de suicídio: tocar no arame farpado eletrificado em alta tensão³².

Tal como Frankl, Jó não se submete a um comportamento considerado normal nessa situação. Para este, isso implicaria a confissão de culpa e o arrependimento, atitudes que não corresponderiam à verdade. Impossibilitado de mudar a situação causadora de sofrimento, Jó muda sua atitude diante dele, opondo-se à doutrina da retribuição. Jó teve seu mérito, mas, como veremos adiante, nem sempre tal atitude é psicologicamente saudável.

4 – Desvios do caminho na busca pelo sentido

Ao trilhar o caminho da busca por sentido na vida, o ser humano tem enveredado por desvios e atalhos. O adágio popular diz que “atalho dá trabalho”, pois nem sempre encurta as distâncias. O atalho tende a confundir e desviar da rota certa. A seguir tentaremos descrever, em rápidos traços, o que entendemos serem conseqüências de um acento unilateral numa só categoria de valores em detrimento das outras.

4.1 – Unilateralidade dos valores criadores

Em seus pronunciamentos, Frankl protestou contra as imagens do ser humano cunhadas pelo biologismo, pelo sociologismo e pelo psicologismo de sua época. Essas tendências esculpidas pelo niilismo criaram o “homo faber” em quem acontece a idolatria dos valores criadores. Ao seu lado está o “homo

³¹ Id., *ibid.*, p. 56-61.

³² *Ibid.*, p. 31.

sapiens” com a absolutização da razão. Frankl pergunta: onde está o “homo patiens”, capaz de aceitar o sofrimento? A resposta a esta pergunta representa o centro da obra de Frankl³³.

Viktor Frankl não poupa críticas à fuga ao sofrimento seja pela atividade, seja pela racionalidade:

Ocultou-se a verdade, tentou-se evitá-la recorrendo a dois ídolos: a atividade e a racionalidade. Não se levou em conta o sofrimento, a possibilidade de sofrer, o valor do sofrimento. Os homens se enganaram e enganaram aos outros, tentando acreditar que com o auxílio da “actio” e da “ratio” conseguiriam acabar com a dor, a miséria, a morte.³⁴

Na década de 1950, Frankl alertava para a recém-nascida “doença do executivo”. Seria um colapso precoce das funções físicas e psíquicas devido à compulsão ao trabalho, aliada à descomunal responsabilidade que pesa sobre os ombros do homem de negócios³⁵. Atualmente este mal

está quase que generalizado, partindo de alguns sintomas de estresse e indo até um colapso nervoso e/ou cardíaco³⁶.

No oposto, como o outro lado da moeda do mundo moderno (ou pós-moderno), está o desemprego, gerando o que Frankl chamou de “neurose do desemprego”. Para enfrentar o “demais” e o “de menos” do trabalho, a logoterapeuta Elisabeth Lukas dá três dicas:

1. Não perder de vista o sentido do trabalho;
2. Não desenvolver pirâmides de valores, ou seja, não colocar um único grande valor, como o trabalho, no vértice da pirâmide, tornando-se fanático e intolerante;
3. Não reduzir subitamente a carga de trabalho após um período de intensa atividade³⁷.

No meio eclesial, nós, ministros religiosos, temos sofrido sob fortes pressões na área do trabalho. Algumas são impostas pela Comunidade, outras são assumidas por nós mesmos. Nossa tarefa tem sido descobrir e trabalhar necessidades emocio-

³³ Viktor FRANKL, *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*, p. 242. Segue-se a tradução das expressões latinas: *homo faber* = o homem (ser humano) que trabalha, que fabrica. *Faber* literalmente designa o operário que trabalha em metais ou materiais duros como pedra, marfim, madeira, etc.; *homo sapiens* = o homem que sabe, que pensa; *homo patiens* = o homem que sofre. Cf. Francisco TORRINHA, *Dicionário latino português*, Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

³⁴ Viktor FRANKL, *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*, p. 243.

³⁵ Id., *Psicoterapia para todos*, p. 105-108.

³⁶ Revista *Veja*, À beira de um ataque de nervos, 26.02.1997, p. 92-99.

³⁷ Elisabeth LUKAS, *Prevenção psicológica*, p. 143-152.

nais negadas ou atrofiadas por fatores, tais como: compreensão errônea do papel desempenhado na Comunidade (superpastor); sobrecarga de atividades e agenda sempre cheia; expectativas em relação à família pastoral de ser uma “família perfeita”, etc. Há boas iniciativas de trazer tais cargas à luz, à reflexão, à oração e ao empenho conjunto de obreiros e obreiras da Igreja, no sentido apostólico de “levar as cargas uns dos outros” (Gálatas 6.2) É preciso aprofundar a temática de pastor/a e comunidade serem agentes de saúde integral, formando comunidades e ministérios terapêuticos³⁸.

4.2 – Supremacia dos valores vivenciais

Aqui se pode mencionar a crítica de Frankl ao “princípio do prazer” da Psicanálise. Para o criador da Logoterapia, o prazer não é a meta das aspirações do ser humano, mas sim a consequência de sua realização³⁹. Nosso autor quer se certificar

de que a vida humana pode atingir sua plenitude não apenas no criar e no gozar, mas também no sofrer. Para isso, descarta o prazer como o que propicia sentido à vida. Se não é capaz de dar sentido à vida, argumenta, então a sua ausência tampouco é capaz de o tirar.

Vejamos o que acontece quando o sofredor busca desenfreadamente o prazer como meio de fuga ao sofrimento. Quem se diverte, se embriaga ou se narcotiza não acaba com a infelicidade, não resolve o problema. O que faz é acabar com uma consequência do problema: o estado afetivo de desprazer. Fica claro que a repressão de uma tristeza, por exemplo, não anula o estado de coisas que se lamenta. Em outras palavras, o que é “jogado” para a consciência ainda não está eliminado da realidade.

O pastor e professor luterano Lothar C. Hoch desenvolveu uma elucidativa reflexão sobre formas equivocadas de derivação de sentido. Podemos considerar como um desvio dos autênticos valores vivenciais o

³⁸ Esse tema tem sido agenda constante do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC). Durante o 2º semestre de 1996 e o 1º semestre de 1997, profissionais do CPPC/Porto Alegre ministraram um Curso de Introdução à Psicologia para pastores/as e líderes em Pelotas, RS. Vide no *Boletim de Psicoteologia*, n. 16, jun. 1994, artigos de KLASSEN e LOHMANN sobre necessidades emocionais de pastores e de WONDRACEK, Os três tempos de Deus-Pai. Vide ainda Jorge A. LEON, *Introdução à psicologia pastoral*, São Leopoldo : Sinodal, p. 173-202. Cf. STRECK/WEHRMANN, *Obreiros podem falar de seus conflitos?*, *Estudos Teológicos*, n. 3, 1988.

³⁹ Viktor FRANKL, *Psicoterapia e sentido da vida*, p. 67-70, 150-153, 323. Interessante é o trocadilho à p. 151: “Na verdade, o chamado ‘princípio do prazer’ é um ‘estraga-prazeres’”!

que ele chama de “forma alienada da busca de sentido”. Como exemplo é mencionado um anúncio comercial em revista em que, pelo uso de determinada roupa, a identidade do jovem é (de)formada por *slogans* do tipo: “a moda fala por mim”⁴⁰.

Entendo que o consumismo, as drogas e o álcool, o sexo irresponsável, entre outros, estão no rol dos sintomas de uma sociedade vazia de sentido, fincada nos pilares da filosofia niilista e no princípio do prazer⁴¹.

A “forma desvirtuada da busca de sentido” é exemplificada por Hoch pelo casal que encontra o único sentido na vida em seus filhos. Já na “forma introvertida”, o autor destaca a busca de realização a partir do cultivo de uma vida interior. Novos psicologismos de “cura interior”, “poder positivo da mente”, etc. se alastram em nosso meio de forma impressionante⁴².

4.3 – Desvio dos autênticos valores de atitude

Em minha pesquisa anterior, na tese de conclusão do Curso de Teo-

logia, na perspectiva da compreensão e do enfrentamento do sofrimento humano, percebi que Frankl insistia na diferenciação entre sofrimento necessário e inevitável e outro, desnecessário. O valor de atitude consiste, pois, na aceitação do sofrimento inevitável. Este tipo de valor é realizado somente quando não há nenhuma possibilidade de mudar a situação. Somente daí Frankl admite falar que a pessoa tem que “carregar sua cruz”⁴³.

A logoterapeuta brasileira Izar A. de Moraes Xausa sistematiza os valores de atitude como “aqueles que surgem quando fatos irreparáveis e irreversíveis acontecem acima da capacidade humana de superá-los”⁴⁴. É imprescindível que a aceitação do sofrimento se dê quando o sofrimento tem o caráter de irremediável. Este é o sofrimento “necessário”, “autêntico”, “do verdadeiro destino”. Caso contrário, afirma Frankl, “se ele fosse evitável, a coisa mais significativa a fazer seria eliminar a causa, fosse ela psicológica, biológica ou política. Sofrer desnecessariamente é masoquista e não heróico.”⁴⁵

⁴⁰ Lothar C. HOCH, *Perguntando pelo sentido da vida*, p. 21-29.

⁴¹ Cf. artigo de Carlos T. GRZYBOWSKI, *Influência do neo-liberalismo na sexualidade*, *Psicoteologia*, São Paulo : CPPC , n. 22, p. 3-4, 2º sem. 1997.

⁴² Lothar C. HOCH, op. cit., p. 23-27. Cf. Carlos T. GRZYBOWSKI, *Sedução e magia*, *Psicoteologia*, n. 18, capa, 2º sem. 1995.

⁴³ Paulo Sergio EINSFELD, *Sofrimento em perspectiva pastoral*, p. 12-15. Cf. Viktor FRANKL, *Psicoterapia e sentido da vida*, p. 155.

⁴⁴ Izar XAUSA, op. cit., p. 163.

⁴⁵ Viktor FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 129.

O autor da Logoterapia é contra o fatalismo e a aceitação fácil do sofrimento. Tem razão em advertir que “o homem tem que estar prevenido para não se render cedo demais; para não tomar por fatal cedo demais um determinado estado de coisas”⁴⁶. Uma atitude que representa sofrimento desnecessário, como vimos, é o masoquismo. O masoquista visa ao sofrimento. Na verdade, representa-lhe um prazer. Sofre propositadamente.

Continuando a diferenciação entre os dois tipos de sofrimento, cabe registrar que o sofrimento necessário pode ser voluntário. É o caso do martírio, ricamente ilustrado na História da Igreja Cristã. O mártir sofre voluntariamente em função de uma causa digna. Outro exemplo de sofrimento intencional é a penitência. É expiação voluntária, castigo autoinfligido por causa de arrependimento sincero. Tanto o mártir como o penitente distanciam-se do masoquista⁴⁷.

Retornando à nossa análise do personagem Jó e suas reações diante da calamidade, percebemos a tendência ao desvio da resignação e do fatalismo. Questionamos a resposta em Jó 1.2: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e

o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” Ela está muito perto de uma submissão fácil, do fatalismo e da acomodação resignada diante dos problemas. Gustavo Gutiérrez, pioneiro da Teologia da Libertação, mostrou que a linguagem de Jó é semelhante à linguagem da fé popular que se apegava à convicção de que tudo vem do Senhor. Os limites desta linguagem residem na acomodação diante da realidade de pobreza e sofrimento, pois “a aceitação rápida demais pode significar uma resignação ao mal e à injustiça que, em última análise, resulta contrária à fé no Deus que liberta”⁴⁸.

Estamos tratando de uma *forma espiritualizada* da busca de sentido. Um perigoso atalho. É a aposta unilateral numa vida vindoura, em que os males desta vida terrena serão superados, dispensando nosso esforço por fazê-lo já aqui e agora. Como forma de evitar tanto a resignação e o fatalismo como a espiritualização alienante, há que se resgatar o valor da queixa e do protesto diante do sofrimento, tema da parte literária do livro de Jó. Importante é também desenvolver uma perspectiva e estratégia sociopolítica de enfrentamento e superação do mal, o que parcialmente ensaiamos em nosso trabalho

⁴⁶ Id., *Psicoterapia e sentido da vida*, p. 155.

⁴⁷ Id., *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*, p. 247-248.

⁴⁸ Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 84.

anteriormente mencionado. Não é possível abordar essas questões aqui, tendo em vista o espaço e interesse deste ensaio⁴⁹.

5 – Conclusão

A título de breve reflexão conclusiva, não é este modesto autor que vai atestar o mérito de uma teoria psicológica que leva em conta o aspecto espiritual do ser humano, como a Logoterapia. Ela se impõe por si só e pela gama de publicações de seu fundador, de seus seguidores e estudiosos. O que fizemos foi “brincar” com aspectos dessa teoria, comparando-a com o drama bíblico de Jó. Gostosa brincadeira. Fiquei muito à vontade, tendo em mãos elementos tão humanos, tão profundos, tão espirituais, no sentido amplo da palavra, herdados do recém-falecido Viktor Emil Frankl.

Constatamos que dar sentido à vida a partir das categorias de valores propostas por Frankl pode ser uma faca de dois gumes. Por um lado, o valor autêntico do trabalho nos realiza e dignifica. Por outro, seu excesso ou sua falta nos deixam estressados. Diminuem o gosto pela vida. Relacionamentos íntimos, tais como entre pais e filhos, entre côn-

juges ou namorados, enriquecem nossa vida. Podem, no entanto, nos prender o coração de tal forma que os absolutizamos. A espiritualidade pode tornar-se alienante quando se pensa estar no céu, resignando-se diante dos problemas da terra. Um fio, muitas vezes tênue, separa o caminho da realização de sentido do atalho, que só oferece sentidos parciais.

Trata-se, na verdade, do dilema de aceitar o sentido que o próprio Deus oferece ou de fabricar “sentidos” artificiais, significados criados por mãos e mentes humanas. É claro que jamais pensamos em passividade em termos de nos esquivarmos de nossa responsabilidade de moldarmos nossa existência de modo que venha a obter o maior grau possível de realização humana. Nada mais longe dos postulados da própria Logoterapia. Nada mais longe de concepções psicoteológicas pautadas pela missão integral. Por outro lado, “aceitar” o sentido que Deus, em sua

⁴⁹ Cf. Paulo S. EINSFELD, op. cit., p. 27-28, 41-44. As queixas de Jó sobre sua doença, contra Deus e contra os três amigos visitantes perpassam os ciclos de diálogos de todo o livro de Jó. Exemplo de abordagem sociopolítica do sofrimento encontramos em Dorothee SÖLLE, *Sufrimiento*, Salamanca : Sígueme, 1978.

criação, redenção e santificação, nos oferece tem uma conotação de sadia passividade. É descansar nos braços do Pai que acolhe o filho perdido (Lucas 15.11-32) em toda a sua fragilidade, em todo o seu vazio existencial, com toda a sua sujeira física e espiritual. Descansar nos braços do Deus-Abba da Graça e da Paz e, mesmo assim, labutar com toda a nossa energia e criatividade. Eis nosso maior desafio!

Bibliografia⁵⁰

- EINSFELD, Paulo Sérgio. *Sofrimento em perspectiva pastoral*. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 1988. 57 p. (Tese de conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia, não publicada, mas disponível na biblioteca daquela instituição.)
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo : Sinodal; Porto Alegre : Sulina, 1985. 121 p.
- . *Em busca de sentido : um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo : Sinodal; Porto Alegre : Sulina. 1987. 174 p.
- . *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. 289 p.
- . *Psicoterapia e sentido da vida : fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo : Quadrante, 1973. 352 p.
- . *Psicoterapia para todos : uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. São Leopoldo : Sinodal; Petrópolis : Vozes, 1991. 158 p. (Logoterapia, 1).
- HOCH, Lothar C. *Perguntando pelo sentido da vida*. São Leopoldo : Sinodal, 1991. 53 p. (Crer e Viver, 6).
- LEÓN, Jorge A. *Introdução à psicologia pastoral*. São Leopoldo : Sinodal, 1996. 202 p.
- LUKAS, Elisabeth. *Prevenção psicológica : a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia*. São Leopoldo : Sinodal; Petrópolis : Vozes, 1992. 302 p. (Logoterapia, 7).
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente : uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis : Vozes, 1987. 166 p.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis : Vozes, 1986. 255 p.

Paulo Sérgio Einsfeld
Caixa Postal 12
96150-000 Morro Redondo – RS

⁵⁰ Cito apenas a bibliografia básica na elaboração deste ensaio. Nas notas de rodapé faço outras referências bibliográficas conforme o assunto da seção.